



ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE RONDÔNIA

SECRETARIA LEGISLATIVA

DIVISÃO DE TAQUIGRAFIA

5ª AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DO TEMA
DA CAMPANHA DA FRATERNIDADE

EM: 05.04.2018

INÍCIO: 09h9min

PRESIDENTE: SR. ADELINO FOLLADOR

A SRA. WAGNA VIEIRA (Mestre de Cerimônias) - Senhoras e Senhores, bom dia. A Assembleia Legislativa do Estado de Rondônia, após aprovação em plenário de requerimento do Exmº Sr. Deputado Estadual Adelino Follador, realiza Audiência Pública objetivando discutir em caráter ecumênico a Campanha da Fraternidade de 2018 com o tema "Fraternidade e Superação da Violência". Temos a honra de convidar para compor a Mesa desta Audiência Pública o Exmº Sr. Deputado Adelino Follador, proponente desta Audiência Pública; Exmº Sr. Desembargador Walter Waltenberg, Presidente do Tribunal de Justiça de Rondônia; Exmª Sra. Dra. Procuradora Daniela Lopes de Farias, Ministério Público Federal de Rondônia; Arcebispo de Porto Velho, Rev. Dom Roque Paloschi; Sra. Delegada da Mulher em Porto Velho, Dra. Janaína Xander Wessel; Dra. Francléia de

Nazaré Corrêa, representando o Conselho Regional de Psicologia de Rondônia; Sr. Carlos Oliveira, Coordenação Arquidiocesana de Leigos.

O SR. ADELINO FOLLADOR (Presidente) - Invocando a proteção de Deus e em nome do povo rondoniense, declaro aberta esta Audiência Pública objetivando discutir em caráter ecumênico a Campanha da Fraternidade de 2018 com o tema "Fraternidade e Superação da Violência".

A SRA. WAGNA VIEIRA (Mestre de Cerimônias) - Convidamos a todos os presentes para ouvirmos e cantarmos juntos o hino Céus de Rondônia, letra de Joaquim Araújo Lima e música de José de Melo e Silva.

(Execução do hino Céus de Rondônia)

Podei-vos assentar. Por determinação do Presidente Adelino Follador, proponente desta Audiência Pública convidamos para compor a Mesa a Excelentíssima Senhora Desembargadora Dra. Zelite Andrade Carneiro.

Sr. Presidente, gostaríamos de registrar e agradecer a presença do Excelentíssimo Senhor Vereador Delegado Morari da Câmara Municipal de Rolim de Moura; senhor Carlos Oliveira, Coordenador Arquidiocesano do Conselho de Leigos de Porto Velho e Região; irmã Fátima, Coordenadora Pastoral da Arquidiocese; senhora Luciana Santos, Assistente Social representando o Sistema FIERO; Dra. Janaína Xander Wessel, Delegada da Delegacia da Mulher em Porto Velho; senhora Juci Fulco, Associação Casa Família Rosetta; senhor Marcos Moises

Ferreira, Coordenador de Cântico e Liturgia da Catedral; senhor Agenor Fernandes, Presidente da Câmara de Educação do Conselho Estadual de Educação - CEE/RO; senhora Clariceia Soares, Presidente da Associação Casa Família Roseta; Sr. Márcio de Castro da CEBs Regional de Ariquemes, Paróquia Rainha do Apóstolo; Padre Sérgio Tonet, Pároco da São José Operário; Padre João Marcos da Área Missionária Nossa Senhora Aparecida; Padre Bento da Capelania Nossa Senhora de Loureto; Irmã Neli Costa, Paróquia São José Operário; senhor Pimenta de Rondônia, Presidente Regional do PSOL; senhor Bruno Eduardo, Chefe de Divisão de Campanha Educativa do DETRAN; senhora Vanussa Soares; Presidente do Conselho a Pessoa Idosa; senhora Carmelinda Pereira, Coordenadora Movimento de Leigos de Rondônia.

Convidamos todos agora para ouvirmos o Hino da Campanha da Fraternidade 2018.

(Execução do Hino da Campanha da Fraternidade 2018)

A SRA. WAGNA VIEIRA (Mestre de Cerimônias) - Sr. Presidente, gostaríamos de registrar e agradecer a presença da senhora Nanci Pereira, Coordenadora da Comissão Eclesiástica Básica - CEBs em Rondônia; da senhora Rosângela Rosa Negra Ferreira de Souza, da Secretária da Mulher Trabalhadora da CUT; da senhora Francisca Diniz de Melo, Secretária de Assuntos Educacionais do SINTERO e da senhora Marilete Soares Diniz, Diretora Regional do SINTERO e membro do Executivo Estadual da CUT.

Pronto, senhor Presidente.

Por determinação do senhor Presidente Deputado Adelino Follador, proponente desta Audiência Pública convidamos os

representantes do SINTERO para ocuparem as primeiras cadeiras aqui na frente, são nossos convidados especiais.

O SR. ADELINO FOLLADOR (Presidente) - Eu quero cumprimentar todos os componentes da Mesa; o Sr. Desembargador Walter, para nós é um prazer tê-lo aqui conosco; Dom Roque, Bispo, inclusive foi feita esta solicitação aos deputados aprovado pelos 24 deputados, solicitação na própria Arquidiocese de Porto Velho, através do Dom Roque, em comum acordo com ele, para nós é um prazer poder estar discutindo um tema tão importante, hoje, com o lema da Campanha da Fraternidade. Temos aqui também a Procuradora Daniela Lopes de Faria, agradecer a presença, para nós é um prazer; nós temos aqui também a representante da Delegacia da Mulher, dona Janaína Xander Wessel, agradecer a presença; Dr. Francléia de Nazaré Corrêa; e o senhor Carlos Oliveira representando aqui a Arquidiocesana de Leigos.

Eu queria dar boas-vindas a todos os presentes aqui, também aos professores, dizer que os professores estão aqui a 45 dias de greve e, com certeza, eles têm várias reivindicações, que esta Casa tem dado todo apoio, porque achamos que têm reivindicações justas e nós estamos discutindo e esperamos que o governo até hoje ou até amanhã mande alguma proposta para que consigamos discutir com a categoria e ver a possibilidade de encerrar a greve que tanto a população de Rondônia almeja que acabe, mas também os professores, não só professores, mas todos os funcionários da Educação almejam uma melhoria. Aqui houve uma aprovação de um plano e não foi instalado esse plano até hoje. Então, eu queria só agradecer a presença de vocês professores, dizer que esta Casa; dos 24 deputados 17 assinaram uma paralisação da pauta em função do apoio a vocês. Então para nós é um prazer tê-los aqui conosco também. Então eu queria deixar

aqui as boas-vindas a todas as pessoas aqui já nominadas e passar a palavra aqui ao Dom Roque, vai fazer a palavra. O Dr. Desembargador Walter disse que tem um pouquinho pressa, que depois vai ter que se ausentar, mas ele quer ver primeiro, quer assistir primeiro a palestra, ouvir a palavra do Dom Roque, depois em seguida vai se pronunciar também. Dr. Walter precisa se ausentar.

Então a palavra ao Dom Roque para que ele faça a sua explanação sobre esse tema tão importante para o Estado de Rondônia e para o Brasil. Obrigado.

O SR. DOM ROQUE PALOSCHI - Ao saudar o Deputado Adelino, saúdo toda a Mesa e agradeço aos irmãos e irmãs pela disponibilidade de estarmos juntos na perspectiva de construirmos esse caminho de paz. Comungamos os sonhos e esperança de todos, de modo especial também dos professores aqui presentes para a que verdadeiramente nós possamos caminhar com a sociedade, onde o diálogo seja caminho de construção de paz também entre nós.

Eu na verdade teria mais que ouvir a todos. A Campanha da Fraternidade que foi aqui proposta para discutir por dias mais ecumênicos ela tem essa vertente. A igreja ao propor a Campanha há mais de 60 anos, a Fraternidade, ela caminha com duas mãos, avenida com duas mãos, uma a mais, a questão interna onde nós somos convidados a conhecer melhor a realidade do dia a dia da grande família brasileira. Nós discutimos os biomas, a casa comum, discutimos o problema da água, discutimos o problema do menor, discutimos o problema da questão também dos jovens e assim por diante. E este ano de 2018 a igreja escolheu por votação na conferência a questão também dos jovens e assim por diante. E este ano de 2018 a igreja escolheu por votação na conferência o temático

da violência, Fraternidade e Superação da Violência, como lema (Vós sois todos irmãos em Cristo sois todos irmãos). Então eu queria também agradecer por tantos construtores da paz, por tantos homens e mulheres, vovôs, vovós e jovens do nosso meio que independente da etnia, independente das raízes e da convicção de fé, coligação política e partidária se empenha para construir a paz, construir a paz a partir de uma atitude da não violência. Não poderíamos deixar passar essa audiência sem lembrar os 50 anos do assassinato do pastor metodista nos Estados Unidos Martin Luther King, desculpam a minha pronúncia. Aonde ele indo também as pegadas de nosso Senhor Jesus Cristo e outros homens e mulheres na história da humanidade optou pela não violência e pela não violência alimentou esse sonho de uma sociedade fraterna no respeito entre todos. Nós precisamos conhecer a realidade e eu confesso aos senhores e senhoras que quando olhei o mapa da violência nos causa espanto e nos assusta porque, na verdade, nós muitas vezes não temos os elementos, ouvimos notícias, assistimos noticiários e muitas vezes o nosso noticiário se torna mais uma ronda policial do que verdadeiras notícias. Como cristãos nós não podemos nos deixar levar pela desesperança, achar que tudo está perdido. Pela fé nós temos que acreditar que é possível construirmos sim, caminhos de paz, de solidariedade e de esperança. A temática da Campanha da Fraternidade é uma temática que nos envolve a todos, independente da condição social, independente do nosso trabalho, da nossa profissão, a todos nós. E para nós cristãos católicos, cristãos também de outras denominações, somos chamados a ser o sal da terra e luz do mundo. E essa missão de sermos também construtores da paz, seguindo o exemplo de tantos homens e mulheres da história da humanidade, cristãos ou não, não podemos também deixar de lembrar Gandhi na sua luta pela independência da Índia e a não violência que foi construindo caminhos para a superação

da dominação inglesa na Índia. Por isso, a temática da Campanha da Fraternidade nos convida a nós, primeiro termos conhecimento dessa realidade, dessa triste e dura realidade da violência. E assusta, sobretudo, a violência também dentro de nossas famílias, a violência contra a mulher, a violência contra as crianças em sua tenra idade, e sem contar os vários tipos de violência institucional que nós fomos acompanhando e vendo pela Campanha da Fraternidade. Mas nós estamos aqui porque queremos dizer de bom e alto som que acreditamos na paz, que acreditamos nos caminhos do diálogo, que acreditamos nos caminhos da solidariedade e da esperança e nós queremos conjugar esses esforços com toda a sociedade. A igreja como tal, não está aqui em Rondônia - Porto Velho para competir com ninguém, mas está aqui chamada a oportunizar espaço de diálogo, de solidariedade e de busca de superação de tudo aquilo que vai contra a vida e a dignidade das pessoas, mas também tudo que vai contra a vida e a dignidade da criação. Por isso a Campanha da Fraternidade não nos deixa de braços cruzados, mesmo sendo brasileiros todos nós, não podemos ficar 'deitados eternamente em berço esplêndido'. Que esta Casa nos ajude que todas as pessoas de boa vontade também nos motivem para que nós possamos entrelaçar as mãos e caminhar, gritando e cantando. E quando dia da paz chegar, Porto Velho - Rondônia também pode ser diferente porque todos somos chamados a caminhar pelas vias da fraternidade, da solidariedade e do respeito, de modo especial sabermos respeitar aqueles que são diferentes. Obrigado, Deputado Adelino, obrigado a toda a Casa, também pelo seu Presidente Deputado Maurão e os demais Deputados que acolheram esta Audiência Pública. Obrigado porque vocês também nos convidam a sermos mais acolhedores, mais abertos, mais disponíveis a construir a paz. Que a paz, o dom de Deus, mas também tarefa nossa, seja abraçada com muita alegria e simplicidade por todos e por cada um de nós. Que Deus, o Deus da vida, o Deus

da paz, o Deus da esperança, o Deus da justiça nos ajude a nós vivermos, sobretudo a dinâmica de construirmos a paz pelas vias da não violência.

A SRA. WAGNA VIEIRA (Mestre de Cerimônias) - Senhor Presidente, gostaríamos de aproveitar e registrar a presença e agradecer, do senhor Coronel André Luiz Glanert, Gerente de Segurança e Fronteira, representando a SESDEC; da senhora Rosana Maria da Silva, assistente social do Instituto Laura Vicuña; do Padre José Oliveira Filho, pároco da Paróquia Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

Convidamos a todos, agora, a assistirmos e acompanharmos um vídeo que fala sobre a caminhada da paz.

(Apresentação de vídeo)

O SR. ADELINO FOLLADOR (Presidente) - Agora vamos ouvir Excelentíssimo Senhor Desembargador Walter Waltenberg, Presidente do Tribunal de Justiça de Rondônia.

O SR. WALTER WALTENBERG - Excelentíssimo Senhor Deputado Adelino Follador, proponente desta Audiência Pública, na pessoa de Vossa Excelência eu cumprimento todos os Deputados e servidores desta Casa. Excelentíssimo Reverendíssimo Dom Roque Paloschi, na pessoa de Vossa Excelência eu cumprimento todas as pessoas de bom coração aqui presentes. Excelentíssima Senhora Desembargadora Zelite Andrade Carneiro, a quem concedo à tarefa de continuar representando o Tribunal de Justiça do Estado de Rondônia devido a minha ausência por compromissos já assumidos, cumprimento na pessoa de Vossa Excelência todas as pessoas

do Poder Judiciário eventualmente presentes. Excelentíssima Senhora Dra. Procuradora Daniela Lopes de Faria, na pessoa de Vossa Excelência cumprimento todos os Defensores e Procuradores aqui presentes. Senhora Delegada da Mulher em Porto Velho, Dra. Janaina Xander Wessel, na pessoa de Vossa Excelência cumprimento todas as mulheres aqui presentes. Senhor Carlos Oliveira da Coordenação Arquidiocesana de Leigos, muito bom dia!. Exm^a Sra. Francisca Diniz de Melo, Secretária de Assuntos Educacionais do SINTERO e Marilete Soares Diniz, Diretora Regional do SINTERO e membro do Executivo Estadual da CUT, na pessoa de Vossas Senhorias eu cumprimento todos os meus colegas professores que estão aqui nos assistindo, uma vez que sou Professor também há 20 anos. E me preocupa muito essa questão da greve que vem já de bastante tempo e causa tantos problemas para nós professores por conta da extensão do período letivo, por conta da dor que sentimos quando nos afastamos de nossos alunos e certamente sabemos muito bem, temos consciência do que causamos também quando se refere aos alunos sem aula tanto tempo. O Poder Judiciário de Rondônia tem por vocação conciliar interesses; o Poder Judiciário de Rondônia tem por vocação compor litígios e eu me coloco à disposição dos professores para que nós possamos amanhã, na parte da manhã se eu tiver agenda ainda amanhã cedo eu me coloco a disposição para que nós possamos com ajuda do Deputado Follador, com ajuda do Deputado Maurão, com ajuda de todos os Deputados eu me coloco à disposição para tentar uma conciliação porque eu sei que o tempo urge eu sei que sexta-feira é um dia muito importante na história da educação do Estado de Rondônia, então, eu me coloco à disposição para que nós possamos tentar uma conciliação entre os professores e o Executivo Estadual no sentido de por fim a essa greve que certamente nos incomoda tanto a nós professores porque nos deixa afastados de nossas preocupações e exatamente isso

que nós não queremos. Professores, a todo tempo formam o futuro do País, e o presente hoje do País grandioso que vivemos, ainda com os percalços que temos vivido nesse momento, nós os devemos aos professores de ontem. Então, aos professores de hoje eu estou totalmente à disposição para tentar uma conciliação nesse sentido.

Excelentíssimo Reverendíssimo Dom Roque Paloschi, não preciso economizar palavras para dizer o tanto que é importante essa tarefa que Vossa Excelência desenvolve no sentido de trazer para os corações dos rondonienses essa mensagem de paz, essa mensagem de busca pela paz, a violência hoje aterra a todos nós. É aterradora a ideia de que vamos sair de casa e, talvez, voltemos, porque pode ser que uma bala perdida, pode ser que um assaltante em desespero, pode ser que haja alguma coisa que não nos permita voltar e isso traz uma insegurança imensa e ao que parece temos muitas dificuldades de colocar fim.

Eu deixei propositadamente de me referir por último a Dra. Francléia de Nazaré Correa, representante do Conselho Regional de Psicologia de Rondônia porque eu tenho muita afinidade com essa disciplina, eu sou irmão do Psicanalista Wagner Waltenberg Silva, Psicólogo de formação e hoje ele mora em Juiz de Fora, mas, muitos anos ele esteve aqui e eu tenho observado que ao longo dos anos a indústria farmacêutica e a indústria de tecnologia vem procurando substituir essa ciência tão antiga, essa Ciência de Freud, essa Ciência de Lacan, essa Ciência que nos ajuda a nos compreendermos a nós mesmos e evita tantas questões que desgraçadamente acabam nos tribunais. As pessoas têm sido tratadas com toneladas de ritalina quando na verdade elas tem inquietação comum, pessoas que tem problemas leves de compreensão são tratadas com psicotrópicos quando na verdade

bastaria uma boa conversa num divã confortável para que elas pudessem retomar o eixo de suas vidas.

E a questão carcerária? Eu tenho me batido ao longo dos meus 32 anos de magistratura por uma mudança radical nessas questões. Há pouco tempo tive contato com absurdo de se pretender que a Audiência que deveria ser para um encontro do magistrado com o preso, fosse substituído por uma câmara de reconhecimento facial, onde pela simples passagem num corredor do Fórum, o preso desse ciência de que está presente e que está cumprindo as suas obrigações. Na verdade, o Poder Judiciário precisa olhar para cada pessoa, é preciso substituir o número dos processos, pelo nome das pessoas que estão no processo, atrás de cada processo há um indivíduo, há um ser humano, merece respeito, merece tratamento respeitoso; há uma incompreensão muito grande da população a cerca da questão dos Direitos Humanos. Os Direitos Humanos, se desenvolvem ao longo de muitos séculos para proteger o indivíduo da ação do Estado, é só isso; muitas vezes as pessoas perguntam: Mas, porque os Direitos Humanos não vão na casa da vítima? Porque é dever do Estado cuidar da vítima, é dever do Estado punir o autor do crime, mas, é dever sem dúvida dos Direitos Humanos, da ideia de Direitos Humanos, proteger o cidadão da ação do Estado, proteger o cidadão da ação dos maus policiais, sejam eles, civis ou militares. É dever dos Direitos Humanos proteger o cidadão dos maus Procuradores, dos maus Promotores de Justiça, dos maus Magistrados, sejam eles juizes, desembargadores, ministros de qualquer instância; essa é a função, essa é a razão. E na base de tudo, na base de todo esse humanismo está o Cristianismo, está a ideia de que Cristo é o Poder permanente, Cristo é o Poder que nos guia, Cristo é o Poder que faz com que possamos ser cada vez mais felizes quando vivemos segundo o seu ensinamento e eu não estou aqui me prendendo a qualquer ideologia religiosa; Mas, o

Cristianismo é uma ideia universal, é uma ideia de estudo com a ideia de constitucionalismo, que é aquele movimento que ao longo do tempo vem tentando dotar todos os Estados de constituição. Para que fique bem claro o limite de atuação do Estado, para que fique bem claro os direitos e deveres de cada um de nós, é preciso cumprir esse pacto, é preciso cumprir os preceitos constitucionais. É isso então que hoje é preciso ressaltar nesse momento, infelizmente eu gostaria de estar aqui durante toda a manhã Dom Roque, mas infelizmente Vossa Excelência Reverendíssima sabe que eu tenho outros afazeres, outras questões; mas, eu tenho certeza que o Poder Judiciário, que já foi representando um dia pela Desembargadora Zelite Andrade Carneiro e eu tive a extrema honra de ter sido seu vice-presidente, ela continuará aqui representando-me como sempre representou com a fidedignidade de costume, ela que é uma mulher moderna, uma mulher pintora. Certa altura, eu pretendi que ela pudesse ocupar uma vaga no Superior Tribunal de Justiça e como tudo na minha vida, como foi bom falar a verdade, como foi bom dizer que eu estava oferecendo uma pessoa que foi Presidente da Ordem dos Advogados no Estado de Roraima, como foi bom dizer que eu estava oferecendo uma Corregedora, e depois Procuradora Geral do Ministério Público do Estado de Rondônia e finalmente, como foi bom dizer que eu estava oferecendo uma ex-corregedora e Presidente do Tribunal de Justiça do Estado de Rondônia; uma mulher completa, uma mulher estudiosa, uma mulher artista, de alma sensível, essa pessoa que eu estou deixando para que represente o Poder Judiciário.

Deputado Adelino Follador, muito obrigado pelo convite, muito honrado com o seu convite, muito obrigado por poder está aqui participando de foro tão importante e então, eu os cumprimentos a todos, eu me despeço de todos na pessoa do Reverendíssimo Dom Roque. E mais uma vez me coloco a disposição do SINTERO, a Justiça estará sempre a disposição

do Estado de Rondônia, integrante que é desse enorme Estado de pujante. Muito obrigado.

O SR. ADELINO FOLLADOR (Presidente) - Gostaria, o Dr. Walter, vai se ausentar; agradecer pela sensibilidade. Eu coloquei a situação dos professores, inclusive o período eleitoral que está se aproximando; essas necessidades e se não tiver esta proposta ainda do Governo hoje, para que a gente vote nesta Casa, para que oficialize, aí amanhã cedo se pudesse fazer, intermediar aquilo que o senhor falou, vai ser muito importante, eu acho que nós precisamos definir esta situação que a aflição não é só do pessoal da educação não; a aflição é de toda população de Rondônia. Então, hoje à tarde, eu não sei se hoje de manhã tem algumas, o próprio Presidente desta Casa, está conversando com o Governo para ver. Mas, eu vou passar uma mensagem agora, que se não tiver esse acordo, vamos ver se a gente marca essa Audiência então amanhã cedo, se pudesse ser hoje à tarde melhor ainda para que a gente ande, porque tem que aprovar amanhã, publicar amanhã, está muito perto o prazo. Mas, eu agradeço a sua sensibilidade, eu tenho certeza que os professores aqui gostariam de agradecer também para que essa sensibilidade e essa proposta de tentar conciliar essa situação tão difícil no Estado de Rondônia.

O SR. WALTER WALTENBERG - Eu preciso que fique bem claro que eu não desconheço que a Assembleia Legislativa vem trabalhando nesse acordo há muito tempo. Então, nada se fará sem a presença de Vossa Excelência, do Deputado Maurão, e de seus colegas, muitos já caminhamos no sentido desse acordo, mas é porque o tempo está se esgotando, e é por isso que eu ofereço também essa possibilidade. Um abraço a todos.

A SRA. WAGNA VIEIRA (Mestre de Cerimônias) - Senhor Presidente, gostaríamos também de registrar e agradecer a presença de Ana Maria, representando a Comissão Pastoral da Terra, senhora Edilane Guanirire Oliveira; das Caretas Arquidiocesanas, irmã Lina Maria Ambiel, Diretora do Hospital Casa de Saúde Santa Marcelina; senhora Deusir Nelcinda Borges, representando a Paróquia São João Bosco; Irmãs Carmelitas, Camila, da Congregação Sagrado Coração de Verbo Encarnado; senhora Liliane da Cruz Rodrigues, Presidente do Movimento Feminista do Partido PSOL; e o Pastor Gilmar Gomes, representando a Igreja Mundial do Poder de Deus. Pronto senhor Presidente.

O SR. ADELINO FOLLADOR (Presidente) - Agora, nós vamos ouvir também a Dra. A senhora Delegada da Mulher de Porto Velho, a senhora Janaina Xander, para que ela faça as suas palavras o seu pronunciamento.

A SRA. JANAINA XANDER WESSEL - Bom dia! Gostaria de cumprimentar o Excelentíssimo Senhor Deputado Adelino Follador, por estarmos aqui nesta Audiência Pública, falando desse tema tão importante que é o combate à violência. Cumprimentar o Excelentíssimo Senhor Dom Roque, cuja proposta nos trouxe até aqui para podermos debater sobre esse assunto. A Excelentíssima Senhora Dra. Zelite, na pessoa da qual cumprimento todas as mulheres aqui presentes mostrando a nossa força de como é importante a presença das mulheres em todas as áreas da sociedade. Gostaria de cumprimentar o Excelentíssimo Senhor Dr. Morali, meu colega de profissão, em nome de todas as pessoas que fazem parte da segurança pública do Estado de Rondônia, e do nosso país. Eu

gostaria de cumprimentar especialmente os professores que aqui estão devido a importância dessa profissão para a nossa sociedade, são eles que auxiliam as famílias a educarem as nossas crianças e são eles que recebem também boa parte da violência que está ocorrendo na nossa sociedade, então, eu cumprimento a todos os professores que estão aqui. Desde que eu entrei na Polícia Civil, eu trabalho com vulneráveis, trabalho na Delegacia da Mulher atualmente, trabalhei também na Delegacia de Proteção à Criança e ao Adolescente, e dentro deste âmbito, eu gostaria de falar que na nossa Constituição Federal, no artigo 226, § 8, fala que é dever de todos, o combate à violência dentro do âmbito familiar, não fala em mulher, em criança, em idoso, fala no âmbito familiar. Porque a importância do combate à violência no âmbito familiar? A casa é o local onde nós buscamos proteção...

O SR. LENILSON GUEDES (Mestre de Cerimônias) - ok.

A SRA. JANAINA XANDER WESSEL - Eu sou um pouquinho comprida então, e eu nem estou de salto hoje em. Voltando. Nós buscamos proteção, nós buscamos conforto na nossa casa, nos nossos familiares, e quando saímos de uma situação de estresse, de uma situação de violência, nós ligamos primeiro para os nossos pais, para os nossos esposos, para as nossas esposas, para alguém da nossa família. Então, o combate à violência dentro da família, ele é de suma importância para o combate à violência, no momento em que a casa, o nosso lar, a nossa família se torna um local violento a quem poderemos nos socorrer? Então o combate à violência contra a mulher, contra a criança, contra o idoso é importantíssimo e é onde nós devemos buscar suprimir e resolver para que depois a gente possa ir atrás do que está acontecendo fora,

da violência que está acontecendo fora do âmbito doméstico. Eu costumo falar que a gente trata muito de estatística, mas o que está ocorrendo hoje a estatística de violência doméstica contra a mulher chegou num número muito elevado, por ano nós temos mais de um mil inquéritos e mais de quatro mil ocorrências de violência doméstica contra a mulher, só neste ano nós tivemos mais de 300 medidas protetivas, por um lado isso é muito bom porque nós sabemos que as nossas mulheres estão cientes dos seus direitos, mas por outro lado por que ainda há tanta mulher sendo vítima de violência doméstica? Certo? Nós chegamos num ponto em que as mulheres já estão cientes dos seus direitos. Com a Campanha da Fraternidade, eu gostaria aqui de elogiar novamente essa iniciativa, acho que nós devemos seguir para o próximo passo, orientar as mulheres não só que elas tem direito a medida protetiva, mas também que toda vez que ela for agredida ou que ela sofrer uma ameaça que ela busque a polícia e que ela vá fazer o exame de corpo de delito, porque muitas vezes elas não vêm a necessidade de ir para o IML e a gente acaba perdendo provas importantes. Nós precisamos orientar as mulheres que após pedir uma medida protetiva que ela vá e comunique quando há o seu descumprimento, as vezes ela acha que só com a medida protetiva aquilo está resolvido, mas não está. Nem a polícia, nem o Judiciário, nem o Ministério Público tem como adivinhar se a medida protetiva está ou não sendo cumprida se a mulher não comunicar então nós precisamos orientar as nossas mulheres sobre esses passos se nós queremos resolver a violência doméstica contra a mulher. E nós precisamos ainda orientar nossos homens, orientar nossos filhos, orientar nossos vizinhos para que eles não pratiquem violência doméstica, então orientação tem sim que ser para a mulher, mas ela tem que ser para o homem também. A violência doméstica ocorre em ciclos, há o momento de tensão, o momento de estresse entre as partes que é normal num relacionamento,

ninguém pensa igual, todo relacionamento seja com filhos, com marido, mesmo no local de trabalho não existe como concordar com tudo, até porque se todo mundo concordar com tudo não existiria evolução, não existiria sociedade, a questão é como resolver o conflito, esse conflito nunca pode ser resolvido com violência, e é o que acontece no ciclo da violência doméstica, há uma tensão, ao invés de se resolver essa tensão com diálogo ela é resolvida com violência. Após essa situação de violência há o que a gente chama de lua de mel, a pessoa que praticou a violência vai lá pede desculpa e tenta resolver, mas se não houve uma mudança seja por parte da mulher ou por parte do homem que praticou essa violência o ciclo vai se repetir, vai se tornar mais intenso e pode acabar em tragédia, então há necessidade de romper esse ciclo. E o que essas pessoas que não estão dentro de uma situação violenta podem fazer para resolver isso? O que nós como sociedade, como igreja, como educadores, o que nós podemos fazer para ajudar? O primeiro e mais importante passo é jamais julgar a pessoa que está sendo vítima de violência doméstica. O que mais a gente ouve dentro de uma delegacia, na rua, ou sempre quando há discussões sobre violência doméstica é 'ela está com ele porque gosta de apanhar', então a gente tem que deixar esse discurso de lado, parar de falar que a mulher está com o homem porque gosta de apanhar ou falar para a nossa irmã, para a nossa filha, para alguém que está sofrendo violência que se ela voltar com aquele cara ela não precisa nunca mais olhar para você porque você nunca mais vai ajudá-la, porque a hora que você faz isso você impede que ela saia do ciclo da violência. Então, o mais importante é a gente não julgar e apoiar uma pessoa que está em situação de violência. Você não sabe os motivos que a levam a reatar um relacionamento, às vezes é um problema financeiro, às vezes é uma ameaça, às vezes a situação dos filhos, então é muito importante você não julgar e sim apoiar

e fazer o máximo para que ela rompa esse ciclo de violência. Eu falo assim dentro da delegacia para você atender uma vítima de violência doméstica você não pode chegar para ela e falar 'olha, só quero saber o que aconteceu ontem, não me interessa a sua vida daqui para trás', para você atender uma vítima de violência doméstica seja dentro da delegacia, as vezes seja orientando como psicóloga, nós teremos a fala da psicóloga ela poderá falar, você tem que ouvir o que ela está falando. Ela vai contar o que aconteceu com ela. Por que é ela se inseriu nesta situação, por que ela continua naquela situação de violência. E muitas vezes na fala dela ela vai estar tentando explicar que ela não é aquilo que o marido fala. Com o perdão da palavra ela vai explicar dentro da delegacia que ela não é uma vagabunda, e sim que ela é uma mulher direita, que ela é uma mulher trabalhadora e que ela quer cuidar de sua família. Então, o atendimento e a orientação da mulher vítima da violência doméstica, ele é um atendimento diferenciado. E nós todos como sociedade precisamos apoiar e parar de julgar essas vítimas, elas precisam de acolhimento e nossos homens também precisam de orientação. Estando aqui com vocês eu gostaria novamente de agradecer de contar como eu vejo que nós já podemos contar com o apoio da Campanha da Fraternidade, na busca do fim da violência como um todo e desejo a todos um bom dia. Obrigada.

O SR. ADELINO FOLLADOR (Presidente) - Agora o senhor Carlos Oliveira, Coordenador da Arquidiocese de Leigos aqui em Porto Velho.

A SRA. WAGNA VIEIRA (Mestre de Cerimônias) - Enquanto ele se aproxima senhor Presidente, gostaria de registrar a agradecer a presença da senhora Marlene Salete, Coordenadora

Pastoral da Saúde a Arquidiocese de Porto Velho. Ao tempo de por ordem e determinação do Presidente, Deputado Adelino Follador, convidar a irmã Lina Maria Ambiel, Diretora do Hospital e Casa de Saúde Santa Marcelina, para compor a Mesa.

O SR. CARLOS OLIVEIRA - Bom dia a todos e a todas. Quero neste momento cumprimentar a todos, inclusive, especialmente aos Professores. Na pessoa de Dom Roque Paloschi, que quem o conhece sabe de sua sensibilidade pelos movimentos populares, especialmente pela Classe dos Professores, que é sem dúvida incontestável a ação importante dentro da sociedade. Quero também cumprimentar a Mesa na pessoa do Deputado Adelino Follador, que de pronto atendeu a Igreja propondo esta Audiência Pública para tratar de um tema tão importante que é a Campanha da Fraternidade, que traz a questão da violência não só para a Igreja pensar, mas como toda a sociedade, como todos nós povo de Deus que precisamos olhar para a violência, não como uma questão do sistema em que nós estamos inseridos no sistema social, mas como responsabilidade a todos nós, porque somos nós que vivemos e construímos este sistema que nós estamos inseridos dentro dele. É importante nós sabermos que a Igreja ela foi constituída por Cristo para que seja o instrumento de aproximação e de construção do Reino de Deus aqui neste plano. E nós que somos integrantes da igreja, membros do corpo da igreja, povo de Deus, especialmente nós cristãos que somos chamados, sobretudo, a olhar para nós para sabermos se os nossos objetivos enquanto cristãos estão em comum com o pensamento de Cristo quando instituiu a Igreja. Não dá para nós enquanto cristãos, entrarmos na Igreja, participarmos da Eucaristia que foi instituída para Cristo para que nós possamos nos alimentar da sua natureza e praticar a cultura da paz e falarmos do seu evangelho para

as pessoas, se ao sairmos da Igreja, Dom Roque, nós esquecemos de que nós recebemos o Cristo Eucaristo no altar. Nós precisamos irmãos e irmãs entendermos que nós, cada um de nós, somos responsáveis pela cultura da paz. Nós temos que falar da violência de uma forma em que nós mesmos possamos superar esta violência. E a igreja tem nos chamados, o seu povo, especialmente, a nossa igreja, a nós cristãos leigos e leigas para que nós possamos assumir o protagonismo de sujeitos eclesiais. Que não pensamos apenas para dentro da Igreja, mas sobretudo, atuarmos no corpo social dentro do mundo em que nós estamos inseridos. Dentro dos areópagos, como diz o Papa Francisco, que é a atuação específica do cristão que é atuar onde ele está lá na Educação lá dentro da Saúde, lá nos Conselhos Paritários de Direito, para que esses espaços seja o espaço verdadeiro para que nós possamos, de fato, disseminar a cultura da paz que é o desejo de todos, sem dúvida nenhuma do nosso Senhor Jesus Cristo, porque ele nos deu como missão sermos sal da terra e luz do mundo, porque foi assim que ele se dirigiu aos seus discípulos. E nós enquanto batizados também assumimos essa vocação, esta missão de sermos discípulos de Jesus. Uma vez um filósofo disse a um grupo de padres e pastores, chamando a atenção para que entregasse o verdadeiro Jesus, àquele que muitas vezes nós dissemos que conhecemos, mas que não nos aproximamos dele, que é o Jesus de Nazaré, que muitas vezes nos esquecemos. Nós nos esquecemos daquele carpinteiro que saía pelas vilas, pelas sinagogas pregando o amor de Deus, construindo verdadeiro amor fraterno, porque hoje quando nós falamos de violência, e a Campanha da Fraternidade traz como eixo central o tema: Fraternidade como Superação da Violência é nós deixarmos com que o amor de Cristo que está dentro de nós que é emanado pela natureza divina do próprio Cristo, aquele que nós conhecemos nos evangelhos, principalmente no evangelho de Marcos, o Nazareno, nós precisamos deixar com

que a pessoa verdadeira, do verdadeiro Cristo, do Nazareno, aquele que passava de uma cidade a outra falando do amor de Deus também passe e toque no nosso coração. Somos nós irmãos, que temos que fazer isso, somos nós que temos que fazer isso dentro das nossas casas, juntos com as nossas famílias, nós que temos que fazer isso nas escolas e aqui nós temos uma realidade e um confronto colocado para ser superado que é a questão dos professores, mas que isso não pode ser um empecilho para nós também façamos que essas situações conflitantes cheguem às famílias. Nós não viemos aqui falar dos índices de violência, nós viemos aqui para falar deste amor fraterno que Jesus quer que façamos, porque é assim que nós vamos superar a violência. Não é eu chegar falando dos índices, porque os índices servem para que nós possamos muitas das vezes aprofundar ou fundamentar um projeto ou uma lei, alguma coisa assim. Nós temos que colocar em primeiro plano o amor verdadeiro da pessoa de Jesus. Porque se nós estivermos conscientes do nosso papel, como protagonista e como sujeito de uma sociedade que está com as suas bases desestruturadas, que está sendo aos poucos cada vez mais enraizada a cultura de que nada funciona, de que nada presta e que tudo é assim mesmo. Nós não podemos nos acomodar nesse sentido. Nós temos que imaginar que nós precisamos criar uma consciência coletiva de que todos nós somos iguais, que todos nós em Cristo somos irmãos. Porque assim nós vamos respeitar o direito do outro, nós vamos respeitar a manifestação e a fé de cada um onde ele estiver, porque como disse Dom Roque na sua fala inicial: "a igreja não veio para se colocar ou dividir, ela veio, a igreja está para ser um instrumento facilitador e promotor de culturas, sobretudo da cultura da paz". Nós precisamos entender e compreender que nada se sobressai e nada se supera se não nos colocarmos na condição de sermos o superadores das dificuldades. Não podemos atribuir a outro aquilo que nós podemos fazer. E temos

certeza de que se nós formos orientados pela luz do evangelho certamente nós vamos ter uma sociedade mais justa, uma sociedade mais fraterna, uma sociedade sem violência. Os índices como falou agora o aqui a Delegada da Mulher, mais de quatro mil registros de pessoas, de mulheres são agredidas, nós não temos que falar somente dos índices, nós temos que pensar de como vamos fazer todos os dias para que usemos as audiências públicas, usemos os fóruns para dizer o quanto que avançamos, o quanto nós contribuimos para diminuir a violência à desigualdade social do Brasil. É esta a vontade, tenho certeza da nossa igreja e do povo de Deus que comunga do Cristo vivo que reina sobre nós.

Eu quero então agradecer essa oportunidade e dizer que o Conselho de Leigos da Arquidiocese de Porto Velho tem trabalhado juntamente com as pastorais, que é onde é a atuação específica nossa, das pastorais de educação, da pastoral carcerária, da pastoral da mulher, em todas as pastorais, para que nós possamos nos alimentar do verdadeiro Cristo para poder assim propor novas perspectivas de superação, não só da violência, mas de todos os níveis de desigualdades que nós temos visto e presenciado no nosso Brasil e, sobretudo, aqui na nossa cidade de Porto Velho. Nós não podemos, meus irmãos, deixar os índices de violência chegarem aos níveis que chegaram em outros Estados da nossa Federação. Nós não poderemos achar que o crime que está acontecendo é uma responsabilidade apenas da Polícia em coibir. Nós, como membros da igreja, porque todos que estão aqui certamente têm uma fé que é manifestada, seja em nossa igreja católica ou seja numa igreja protestante, mas nós enquanto irmãos e como cristãos, não podemos admitir que a nossa cidade tão querida aqui de Porto Velho fique nas mãos das pessoas que querem construir uma cidade do medo, uma sociedade que as famílias se enclausurem nas suas casas, aumentem os seus muros e não deixa com que as famílias possam

viver uma fraternidade. Por isso, então, eu quero agradecer ao Deputado Adelino Follador, e dizer a todas as instituições que estão aqui presentes, que nós precisamos continuar trabalhando na perspectiva da construção, da composição desse fórum permanente para que nós possamos verdadeiramente ter propostas concretas para trabalharmos para construir uma cultura de paz na nossa cidade de Porto Velho. Muito obrigado a todos.

O SR. ADELINO FOLLADOR (Presidente) - Antes da Dra. Zelite e antes também da Dra. Francléia. A Presidente do Sintero está aqui e ela está correndo porque têm essas negociações e nós vamos abrir um espaço para que a Leonilda Simão de Souza, Professora Leo dê uma palavrinha com os professores para nós antes de sair, por que está correndo atrás, tem muitos compromissos, nós vamos abrir um espaço para que ela também fale.

A SRA. LEONILDA SIMÃO DE SOUZA - Bom dia a todos. Em nome do Deputado eu cumprimento toda Mesa; em nome do meu companheiro Manoel Rodrigues eu cumprimento todos os trabalhadores em educação aqui presentes; e em nome das famílias dos nossos alunos, dos pais dos nossos alunos, eu cumprimento toda comunidade, toda sociedade aqui presente. Eu gostaria de começar minha fala, dizendo que esse é o momento de muita importância para a sociedade rondoniense. É o momento em que nós temos os trabalhadores em educação, que na minha avaliação tem um papel de extrema importância para a sociedade, inclusive no sentido de reverter através da educação, dos valores, essa situação de extrema violência que nós estamos vivendo. Então, o fato de termo hoje este plenário lotado de trabalhadores e trabalhadoras em educação, isso é de grande relevância nesta Audiência que

tem como tema um tema extremamente importante diante do que vivemos que é a cultura da paz, todos unidos por uma cultura de paz em Porto Velho. Quero dizer que eu não poderia deixar aqui de falar dos 45 dias que completa hoje, do movimento que a nossa Instituição Sintero tem encampado com todos os trabalhadores em educação, por justiça social. Porque o que nós estamos hoje reivindicando é justiça social, baseada em leis que não se cumpre, baseada numa situação de extrema precariedade da educação deste Estado. Quero dizer que os organizadores desse fórum permanente pela paz no Estado de Rondônia estão de parabéns. Estão de parabéns porque a cultura de paz que nós temos que estabelecer começa pela educação lá no banco das escolas. Então, trabalhadores e trabalhadoras em educação, a nossa tarefa é de extrema responsabilidade. Então, isso que está sendo discutido aqui é muito pertinente que nós estejamos aqui. Quero dizer que a greve, eu sei que têm muitos pais aqui presentes, que a greve é o último recurso que uma categoria de trabalhadores busca para ser atendida. Mas eu vejo, muitas vezes, que a greve serve também para o exercício de cidadania, que talvez, se nós povo brasileiro tivéssemos mais a coragem de colocar a cara na rua como o que está acontecendo hoje através desse Fórum, muitos problemas de violência nós teríamos resolvido. Quero dizer também, que aqui, antes, foi abordada a questão da Violência contra a Mulher e eu como mulher, como educadora que não poderia deixar de falar sobre isso. Sabemos que tem violência em vários segmentos de várias formas, mas, eu gostaria de falar sobre a Violência contra Mulher visto que, nós somos mais de 80% de trabalhadores em educação composta por mulheres e a violência contra a mulher ela passa em todas as instâncias, também passa pela educação. A educação desde lá da nossa casa quando nós que vivemos numa sociedade machista nós somos ensinadas a ser aquela mulher do lar, aquela que tem que está voltada apenas para os afazeres

domésticos e para o cuidado dos nossos filhos e de nossa família. Ela passa pelos espaços que nós ocupamos, nós sofremos todos os dias, a cada hora, a violência; essa violência que muitas vezes ela vem de forma camuflada, mas, nós sabemos que ela existe. Diante disso, nós precisamos falar aqui sobre o Estado de Rondônia, um Estado que hoje tem um índice de violência contra a mulher altíssimo, altíssimo, ocupamos o 4º lugar de Violência Doméstica. Então, nós precisamos falar sobre isso. Nós gostaríamos que esse Fórum permanente que está aí voltado pela Cultura da Paz que tenha um olhar diferenciado para a Violência contra a Mulher. Gostaria de dizer que eu me sinto muito honrada de está aqui, eu venho lá da década de 80 das comunidades eclesiais de base, aquelas comunidades que naquele momento, na década de 80, nós brigávamos por Democracia e Justiça Social. Nós estávamos tentando sair da Ditadura, aquela Ditadura que oprimia, que matava, que através da violência levou muitos brasileiros a perderem suas vidas. Então, eu vim daquilo, conseguimos chegar a Democracia através das Diretas Já, mas, essa Democracia não trouxe Justiça Social e nós estamos vivendo momento muito complicado porque nós achávamos, temos a Democracia, precisamos ter um Governo popular, tivemos esse Governo popular, mas, nós não administramos essa situação ao ter o Governo popular. Nós deixamos que, o Capitalismo avançasse da mesma forma, de forma camuflada com outra roupagem, mas, que aquele Capitalismo que não valoriza o ser humano, que não privilegia a classe dos menos favorecidos e a exclusão continuou. O resultado disso ele tem sido opressor, ele tem sido árduo e para vencer essas barreiras nós temos que ter essa coragem, essa coragem que hoje está sendo vista aqui na ação dos trabalhadores em educação, numa ação de cidadania que estamos nesse momento completando 44 dias, estamos aqui dentro da Assembleia Legislativa, a nossa Casa, com todo o respeito a

esta Casa, desde ontem, dormimos aqui para dizer ao Governo que está aí que nós enquanto trabalhadores precisamos de Justiça Social e tendo Justiça Social nós vamos fazer o nosso papel de formador de opinião, de formador de cidadãos com muito mais eficiência.

Então, eu quero terminar minha fala agradecendo a todos que me deram esta oportunidade, ao Deputado que desde o início da nossa luta tem vindo conosco, eu quero agradecer esta oportunidade e dizer a frase do Professor Cortella: "vamos ter esperança não do verbo esperar, mas do verbo esperarçar". Então pessoal muito obrigada por esta oportunidade, eu tenho uma agenda agora, vou precisar sair, mas quero colocar a Instituição SINTERO que ao longo da sua história de 28 anos tem construído um trabalho de parceria com Instituições que defendem medidas sociais, quero deixar aqui a nossa Instituição à disposição para estar junto com vocês nessa grande parceria que é "todos unidos por uma cultura de paz em Porto Velho e que isso se estenda ao Estado de Rondônia e que isso se estenda ao nosso Brasil e que isso estenda ao mundo inteiro que precisa de paz". Muito obrigada.

O SR. ADELINO FOLLADOR (Presidente) - Quero agradecer as palavras da Professora Leo, e dizer que o SINTERO está convidado, está sendo hoje iniciado um Fórum de Paz em Porto Velho e o SINTERO é convidado a fazer parte. Então, eu gostaria que o também o SINTERO depois indicasse um representante para que faça parte desse Fórum, porque eu acho que é muito importante envolver a questão da educação. Na realidade a Arquidiocese de Porto Velho, de Porto Velho que abrange até Ariquemes, não é só Porto Velho. Está aqui o Márcio representando também lá da região de Ariquemes que também pertence a Arquidiocese de Porto Velho, a gente fala Porto Velho, mas não é bem, é a região aqui de Porto Velho

que vai ser criada esse Fórum, e o SINTERO está convidado a participar também fazer, ter assento neste Fórum que eu acho que é muito importante envolver. Depois a Dra. Zelite Cordeiro vai no final falar e vai propor em discussão que a gente aprove ou não essa proposta.

A SRA. WAGNER VIEIRA (Mestra em Cerimônias) - Senhor Presidente, gostaríamos de registrar e agradecer a presença do senhor Valdir Evangelista, Coordenador de Liturgia da Paróquia São Luiz Gonzaga; do senhor PM Venâncio; Cabo PM Venâncio, Presidente da FENACON e da senhora Nauana do DETRAN.

O SR. ADELINO FOLLADOR (Presidente) - Agora nós queremos ouvir as palavras da Francléia de Nazaré Corrêa, representando o Conselho Regional de Psicologia do Estado de Rondônia.

A SRA. FRANCLÉIA DE NAZARÉ CORRÊA - Excelentíssimo Senhor Deputado Adelino Follador, em nome de quem eu cumprimento e saúdo todos os integrantes da Mesa; Senhoras e Senhores bom dia. Em especial eu saúdo os trabalhadores em educação aqui presentes, com quem nós nos solidarizamos. Falar de violência Deputado, é talvez uma das questões mais antigas da nossa sociedade e que é importante que nós possamos nos debruçar sobre essa questão. Primeiro, a gente tem que se perguntar de que violência nós estamos falando. Eu, como pesquisadora, como trabalhadora, como psicóloga e como pesquisadora há mais de 30 anos, eu entendo que quando nós compartilhamos, quando a gente começou a dividir a violência acho que a gente se perdeu um pouco enquanto

sociedade. Nós precisamos pensar primeiro o que é violência, se a gente puder pensar e aí vem a questão de ser professora, de buscar conceituar. Mas, é nós pensamos a violência como qualquer dano, um ato ou missão que eu possa causar a qualquer pessoa, não importa que pessoa veja essa e que eu possa causar um dano físico, psicológica, emocional, sexual, financeiro, enfim. Quando a gente fala de psicologia, nós temos assim um conceito, como se psicologia fosse sinônimo de psicologia clínica. Eu vejo na mesma forma, a questão da violência, quando a gente fala de violência, parece que o sinônimo é aquilo que ocorre longe de mim, distante de mim com alguém que eu não conheço. A gente precisa refletir essa violência a partir do momento que ela ocorre dentro de casa, talvez o ponto mais importante da violência seja a violência doméstica; nós precisamos pensar e eu como trabalhadora, eu sempre coloco isso em questão, o que nós estamos fazendo hoje na cidade de Porto Velho, hoje em 2018 para daqui há 10 anos, nós tenhamos conseguido diminuir os índices de violência na nossa cidade. É importantíssimo e é urgente que as Instituições possam realmente estar juntas nessa discussão. Quando a gente pensa a questão da violência, a gente tem que pensar em comportamento; a violência somos todos nós, todos nós de alguma forma, nós praticamos violência. Parece uma frase muito pujante, parece uma frase muito agressiva, mas eu queria até propor um exercício, não precisam responder, hoje é quinta-feira, de segunda-feira até hoje, será que eu cometi alguma violência com o meu filho, com o meu marido, com o meu companheiro, com o meu colega de trabalho, no trânsito e aí enquanto psicologia, se nós formos estudar a psicologia do desenvolvimento, é sabido, é notório que a questão da raiva, da agressividade, ela compõe o ser humano, a diferença talvez seja como é que esta criança é educada, é amada, é desejada e como é conduzido esse contexto da agressividade no decorrer da sua vida. E é

um papel importante da família que possa está cuidando disso. Hoje, uma criança que ela tenha 04 anos, digamos, o que nós estamos fazendo para daqui a 10 anos, aos 14 e daqui aos 10, aos 24 anos ela não esteja perpetuando a violência na nossa sociedade. Enquanto Conselho de Psicologia; Conselho Regional de Psicologia nós nos colocamos inteiramente a disposição desta causa e coloco duas sugestões que possam ser analisadas, eu como pesquisadora, de verdade eu vejo que a pesquisa, o fomento a pesquisa, ele é importante para que nós possamos pensar para quem nós estamos propondo esse trabalho. Em particular também desenvolvo um trabalho com mulheres vítimas de violência doméstica, junto a Prefeitura de Porto Velho, onde eu cotidianamente, eu coloco essa questão: para quem nós estamos apresentando esse trabalho? Que mulher é essa que a gente está declinando esse trabalho? Porque a violência acima de qualquer coisa ela tem o conteúdo emocional, ela tem o conteúdo psicológico. Se eu me vejo vítima de violência em que medida? Quando eu sou vítima de violência, eu perpetuo essa violência. É importante nós trazeremos a sociologia para a discussão, a filosofia, a psicologia e nós, via de regra, nós estabelecemos algo chamado relações de poder, nós fazemos isso, é uma questão de estrato social. É o pobre, o rico contra o pobre, o homem contra a mulher, é o branco contra o negro, é chefe em relação ao subordinado e assim sucessivamente na nossa sociedade. E na medida em que ocorre essa relação de poder e tem a Heleieth Saffioti, que é uma socióloga belíssima que ela discute essa relação de poder, nós só vamos entender o que é essa violência quando a gente buscar se debruçar. Então, fica uma sugestão que nós possamos ter fomento a pesquisa no nosso Estado, que a gente possa estar congregando as instituições de ensino superior tanto pública quanto privada, e que os organismos tanto do Estado quanto da Prefeitura, que a gente possa pensar em pesquisa. Além disso,

penso que é necessário que nós tenhamos psicólogos à disposição da população. Não é mais possível nós pensarmos a psicologia como uma questão de clínica, como uma questão privada, é importante que nós possamos, e aí nós temos Deputados, outras capitais que já executam isso, a exemplo de Campo Grande, por exemplo, onde tem psicólogos clínicos nas unidades básicas de saúde inclusive no período noturno para atendimento a população. Nós precisamos, já estamos no século XXI, não é mais possível a gente pensar a psicologia como uma psicologia de consultório, como uma psicologia privada. É importante que a população em seu contexto geral, ela possa ter acesso a tratamento psicológico, que nós possamos ter programas de prevenção à violência, que nós possamos ter programas de prevenção e orientação familiar. Eu costumo brigar e dizer que nós precisamos em nosso País ter cursinho preparatório como sermos pais melhores. Obrigada.

O SR. ADELINO FOLLADOR (Presidente) - Parabenizar a Dra. Francléia. Dizer que hoje com essa crise, com esses problemas que o Brasil tem, o psicólogo é cada vez mais necessário para o ser humano, então, com certeza contribuiu muito para esse encontro. Agora, eu gostaria de abrir espaço aí para o Professor Márcio, ele está representando a CEBS a regional de Ariquemes, a Paróquia Rainha dos Apóstolos. Gostaria que fizesse seu.

O SR. MÁRCIO DE CASTRO - Bom dia! Em nome, desculpa, mas quebrou o protocolo, faz parte de existir um protocolo, não é? Em nome da juventude aqui presente, eu quero cumprimentar todos os componentes da Mesa, e todas as autoridades religiosas e civis ou militares, e de uma forma

muito especial em nome do Vereador Morari, que se deslocou lá de Rolim de Moura para vir participar desse momento, para nós é muito importante. Mas Dom Roque, em nome do senhor que enfrenta esse desafio arquidiocesano de conduzir esse rebanho na condição de nosso pastor, eu quero em primeiro lugar tecer um elogio. Nós trouxemos para esta Casa de Leis, para o dia 21 de março passado, um convite para se discutir um gesto concreto da Paróquia Rainha dos Apóstolos, lá em Ariquemes, que seria um gesto concreto da Campanha da Fraternidade. E eu quero assim de forma muito especial mesmo fazer esse elogio, porque lá no livro quando é bem questionado "Dai a César o que é de César e dai a Deus o que é de Deus", a gente viu a preocupação do Deputado Adelino, em estar aqui na Assembleia e retornar para Ariquemes, são a custo zero de quilômetro para participar daquele encontro. Então, Deputado, nós em nome da nossa Paróquia, nós somos muito gratos por este empenho que o senhor teve, pela sua preocupação em estar ali com a gente. Então, nós somos, nós somos muito agradecidos em nome do Padre Renato, que é o nossos Pároco, do Padre Luiz, que é Vigário Paroquial, de uma forma muito especial, nós trazemos um abraço do Pastor Aluizio Vidal, do Partido Verde, que mandou um abraço para todos nós e que se solidariza com a preocupação de superarmos a violência e segundo ele, a Campanha da Fraternidade sempre traz esses temas interessante para serem debatidos a luz da sociedade, e também o Professor Vinicius, que é Professor de Direito da Unir. E de uma forma muito especial a todos os partidários de partidos políticos aqui, em nome do Pimenta, do PSOL, que com muito carinho também é um ativista social e que não deixa de participar e dar sua parcela de contribuição nas discussões públicas. E para encerrar este momento de elogios ao Professor Coelho, lá de Ariquemes porque quando fizemos lá o gesto concreto da Campanha da Fraternidade da nossa paróquia a Casa dos Conselhos através

do Professor Coelho assumiu conosco um compromisso que está dentro do propósito de reativarmos o Conselho de Segurança do município de Ariquemes, já estamos encaminhados e de sugerir, deputado, que o senhor que esteve presente conosco lá então nós temos aqui uma ata daquele evento, vamos deixar com o senhor, que a gente constituísse o Conselho de Segurança nos municípios do Estado de Rondônia onde não exista, que a Assembleia pudesse com a sua assessoria, ou o senhor com seu gabinete se debruçar para poder dar esta manutenção, dar esta informação técnica para que se constitua o Conselho de Segurança nos municípios onde não exista, e daquela audiência surgiu a ideia de se constituir um plano de segurança para o Estado de Rondônia, para o Vale do Jamari e estender isso para o Estado de Rondônia assim os municípios do Vale e os municípios do Estado, e já que nós temos na nossa arquidiocese de Porto Velho esse fórum permanente, lá também foi sugerido a constituição de um fórum permanente no Vale do Jamari e o senhor estava presente, e nós vamos como boas ovelhas, Dom Roque, seguir o que a nossa arquidiocese nos dá a diretriz, porque precisamos caminhar de forma além de conjunta em comum. Agora eu quero de forma muito especial me dirigir aos meus amigos educadores, me dirigir às autoridades aqui presentes e dizer que esta greve eu não quero corrigir a fala de ninguém, eu quero apenas dizer que esta greve não é apenas greve dos professores, ela é greve dos servidores da educação, técnicos, zeladoras, merendeiras, secretarias, enfim de forma muito especial eu gostaria que nós olhássemos para essa paralisação que é um ato violento do Estado de Rondônia e de outros Estados do Brasil não respeitar um Plano Estadual de Educação, então tudo, tudo que eu peço aqui é que seja cumprida a valorização do servidor público, que se cumpra um programa de valorização, e isto deputado agora eu me preocupo, nós temos 24 deputados nesta Assembleia, eu tenho um respeito muito

grande pelo senhor, eu pergunto onde estão os outros 23? Não que eu queira ter o discurso do contra, viu Vereador Morari, não que eu queira ter o discurso do contra, mas esse tema não interessa superar a violência para esses deputados? Discutir, ouvir aqui os reclames dos servidores da educação não interessa a esta Casa de leis? Espere um pouquinho, a Casa de leis entre aspas' eu quero retomar aqui, em 82 a campanha da Fraternidade dizia o tema o seguinte 'Educação e Fraternidade', olha bem o lema 'a verdade vos libertará', nós não podemos discutir isso aqui, Dom Roque, com cara de meia verdade, com as autoridades alheias ao que pretende-se. Eu lamento a ausência, desculpa, eu peço desculpa porque talvez eu não diria isso eu teria outras coisas para dizer para o representante desembargador que deixou a sua representante, mas é vergonhoso para mim alguém me chamar amanhã, me convidar para uma audiência e não saber se ele tem agenda, correto? Já vou concluir. Então nós trouxemos como proposta uma discussão para que se discuta um plano para combater para pode o Estado de Rondônia não transferir a responsabilidade para outras esferas e discutir o problema do conflito agrário no Estado e criarmos o Conselho de Segurança onde não exista e que possamos então assim fazer junto com o campo e a cidade independente de quais categorias, quaisquer uma o Plano de Segurança do Estado de Rondônia. E para concluir, eu ainda trago a campanha da fraternidade de 98 'Fraternidade e a Educação a Serviço da Vida e da Esperança', no entanto discutir educação enquanto ferramenta para superar a violência já é algo que a igreja vem fazendo há muito tempo. Agora deixo a minha nota de repúdio as autoridades que deveriam estar aqui quanto deputados que foram eleitos, servidores do povo para ajudar nesta discussão e se omitem a não estarem aqui. No entanto repudiam este momento daqueles que negligenciaram ouvir estar aqui de frente com a comunidade que anseia por superar

a violência. Está bem? Muito obrigado pela atenção de todos vocês. E para a Delegada que representa a Secretaria da Mulher o Brasil tem 13.100% de Violência a mais que a Inglaterra. Isso significa que a violência contra a Mulher em Rondônia é 13.100% também a mais que a Inglaterra. Nós precisamos de propor estudos para superar a violência. Aí deputado, parabéns pela iniciativa e que tenhamos sucesso nas nossas negociações.

O SR. ADELINO FOLLADOR - Agradecer as suas palavras. Com certeza, Márcio, o Professor Márcio a gente conhece, batalhador falando em nome do debate que nós tivemos lá em Ariquemes foi muito produtivo, na Câmara Municipal, para nós é um prazer ter contribuído e me colocar à disposição.

Hoje nós temos aqui o vereador e delegado Dr. Morari, Coordenador da Pastoral da Arquidiocese de Ji-Paraná, tenha o espaço aqui para que faça, para que depois a gente vá para as discussões que a Dra. Zelite Carneiro vai propor para que a gente aprove, ou desaprove aqui essa criação do Fórum aqui da Arquidiocese de Porto Velho.

O SR. RENATO CÉSAR MORARI- Eu acho que vou precisar do microfone de mão também porque eu também sou comprido. Não é Dra. Janaína?

Bom dia a todos. Queria cumprimentar o nobre Deputado Adelino Follador, nosso companheiro de caminhada de igreja. Parabéns pela iniciativa, pelo atendimento desta Audiência Pública, porque é tão importante nós discutirmos a violência aqui no nosso Estado. Em nome do senhor eu cumprimento todas as autoridades aqui presentes na Mesa; cumprimentar também o Reverendíssimo Bispo Dom Roque, eu não tive o prazer de

conhecê-lo, estou conhecendo hoje pessoalmente. Quando o senhor chegou na Diocese eu saí, eu estava em Ariquemes e o Sr. estava chegando e eu estava saindo de Ariquemes, então nós não tivemos o prazer de trabalhar juntos nas Pastorais. Além de Delegado de Polícia hoje eu estou Vereador, contudo, a minha família, vamos dizer assim, é muito engajada dentro da igreja. Somos Coordenadores da Pastoral Familiar em Rolim de Moura e Coordenador Diocesano da Região da Zona da Mata. E esta discussão de violência da Campanha da Fraternidade engloba não só a situação da violência em si, ela é muito mais complexa que isso. Quando nós falamos de violência abrange vários setores, setores sociais, setores de políticas públicas, setores de conhecimento da estrutura estatal que nós temos hoje. Infelizmente hoje aqui no nosso Estado nós vivenciamos há uma década de um descaso público na Segurança Pública. E isso, infelizmente, desemboca no índice de violência que hoje nós temos, infelizmente. Nós temos um descaso na Educação, e isso desemboca dentro do tema violência. Nós temos um descaso nas ações sociais, e isso desemboca dentro do tema da violência. Tudo vem de encontro, e nós precisamos, sim, não só discutirmos aqui, a violência, mas termos ações concretas, exequíveis para melhorar isso, deputado. Não adianta nada nós virmos aqui ficar falando bonito, discursando se nós não sairmos daqui com sugestões e soluções concretas, exequíveis, nem se for mínima para nós melhorarmos a nossa sociedade, melhorarmos a violência. Hoje a nossa família, nós trabalhamos com isso muito forte, as nossas famílias estão doentes. E a violência como a Dra. Janaína disse aí, hoje eu estou atuando também na Delegacia da Mulher em Rolim de Moura. Meio esquisito um homem trabalhar na Delegacia da Mulher. Mas eu estou em Rolim de Moura trabalhando na Delegacia da Mulher e lá na Delegacia da Mulher além da violência contra a mulher no interior nós atendemos também a violência contra a criança e adolescente.

Então o índice de violência contra a mulher e contra a criança e adolescente principalmente no abuso sexual que é causado dentro das famílias é muito grande. Isso preocupa. Preocupa a nós cristãos, preocupa a sociedade e tem que preocupar a todos. O índice de violência que nós atendemos que vem de dentro das escolas com comportamento de alunos, crianças, gente, não é adolescente não, crianças de 09, 08 anos que vão para a Delegacia da Mulher no interior, toda semana tem. Isso é preocupante. Por que é que isso está acontecendo? De onde é a raiz disso tudo? O que nós, como cidadãos, como pai, como mãe, como cristão, estamos fazendo? O que eu estou fazendo? O que vocês estão fazendo para que isso cesse, para que isso acabe? Muitas vezes, quando nós falamos de violência, as pessoas têm certo repúdio porque cria uma imagem de que a pessoa não quer se envolver, por que: 'ah, isso vai dar problema para mim, porque eu vou ter que denunciar, depois eu vou ter que ir à Delegacia, depois eu vou ter que ir ao Fórum, vou ter que aparecer'. Isso vai deixando essa violência se concretizar, muitas vezes até dentro da própria casa da pessoa. Quantas vezes nós não atendemos situações de meninas, meninos que estão sendo violentados sexualmente por familiares e toda família sabe, mas ninguém tem coragem de ir lá denunciar para cessar a violência. Isso tem que acabar, essa cultura tem que acabar. Nós não podemos ser omissos, nós somos cristãos e Jesus não foi omissos. E nós precisamos ter essa postura. Então eu fico feliz, Deputado, nesse tema. Antes de encerrar gostaria de, mais uma vez, colocar aqui o meu apoio à greve dos nossos servidores da educação, como o nosso Professor Márcio disse, 'não é greve dos professores, é greve dos servidores', e de uma demanda que vem vindo há mais de 5 anos, de uma demanda que vem vindo, onde o governo já prometeu, já falou que ia cumprir, já se tem a Lei, mas não cumpre. Não cumpre! Se omite no cumprimento de um direito que já é garantido. Então

coloco mais uma vez o apoio para vocês. Minha esposa também é professora e eu sei o quanto que vocês sofrem, eu sei. Obrigado, Deputado; obrigado, Bruno; muito obrigado a vocês professores e continuem na batalha porque o resultado, tenho certeza que vocês vão conseguir. Obrigado.

O SR. ADELINO FOLLADOR (Presidente) - Agradecer as palavras do Dr. Morari, é nosso amigo e trabalhou também em Ariquemes muito tempo. A gente conhece a família, para nós é um prazer. Dizer que eu também tenho esposa, aposentou já, mas é professora também e a gente conhece de perto a necessidade. Por isso estamos aí abraçando essa causa.

Agora vamos abrir, então, para a Dra. Zelite Carneiro, integrante da Catedral Sagrado Coração de Jesus. Eu a conheço há muito tempo. Quero endossar todas as palavras do Dr. Walter que falou. Eu queria até justificar, Márcio, o Dr. Walter, quando recebeu o convite daqui ele já tinha compromissos, ele justificou antes de sair daqui. Dizer que o Dr. Walter veio, porque ele já tinha outros compromissos, mas ele arrumou um tempinho para vir aqui. Só para questão de justificativa, ele se esforçou e veio aqui, mas quando chegou ele pediu que fosse rápido porque ele tinha que retornar. Mas eu quero, acho que só o fato de ele ter vindo aqui, marcado presença, para nós foi uma honra, foi muito gentil e nós queremos deixar isso registrado.

Doutora batalhadora, então, Dra. Zelite Carneiro com a palavra para fazer essa proposta tão interessante para esta Audiência Pública.

A SRA. ZELITE ANDRADE CARNEIRO - Senhor Presidente desta Mesa, Deputado Adelino Follador, em sua pessoa me permito cumprimentar todas as autoridades civis e militares aqui

presentes. Excelentíssimo e Reverendíssimo Bispo Arquidiocesano Dom Roque Paloschi, em sua pessoa eu me permito cumprimentar todas as autoridades religiosas; todos os religiosos, religiosas aqui presentes; Coordenadores e integrantes de Pastorais. Senhoras e senhores, este é um momento especial para mim. Apreciei o convite porque faço parte de uma comunidade muito especial que é a Catedral do Sagrado Coração de Jesus. Participo como grupo com todo o meu coração. Estou aqui com os senhores também, com espírito desarmado, cheia de esperanças. Eu prestei muita atenção, quero dizer que eu ouvi com esmerada atenção os pronunciamentos todos aqui proferidos. E não nos surpreende que tenha tocado os nossos corações, cada um a seu modo, a nossa Delegada Janaína, a nossa Psicóloga Francléia, o nosso religioso amigo, Carlos, todos os que se manifestaram antes, fizeram observações contundentes, valiosas e expressivas e de grande significado para nós nesta Audiência Pública. Os números da violência e as informações sobre a violência são enormes, não mentem, mas nos assusta, nos assusta muito! E nós não dissociamos, senhores, quero dizer aos senhores que não dissociamos o quadro crítico pelo qual o nosso País transita agora das razões que justificaram a Campanha da Fraternidade com este tema, não dissocio. Ou seja, a violência que está presente por todo canto, até no ar que respiramos porque está poluído. E todos então têm essa mesma razão e nós sabemos que as razões também começam, essa violência também começa lá em cima. É lamentável, nós estamos vendo todos os dias pela mídia, quando são desviadas vultosas quantias de dinheiro que pertencem ao povo, pertencem à saúde, pertencem aos professores, pertencem a Previdência Social, e não chegam ao destino. E nos causa muita espécie também, quer dizer, começa lá em cima e aqui embaixo ela vem, está muito próxima de nós, quando a violência é praticada por um daqueles nossos irmãos que sequer chegou a

ser alfabetizado. É uma violência contra a cidadania, contra a educação, contra o futuro do País. E é verdade, isso tudo nós podemos ver. Os senhores estão aqui, nossos professores, eles cuidam do futuro do País, que são as nossas crianças. Nós podemos dizer que lá fora, em especial na Ásia e na Europa a figura do professor é endeusada. Aqui eles precisam, estou arrepiada, eles precisam se humilhar! Eu não gostaria de falar mais de violência porque todos nós conhecemos os índices e onde elas estão. Mas apenas para ilustrar, eu anoto aqui algumas coisas, eu tenho alguns pontos de destaque da minha fala para ilustrar esse momento. Para os senhores terem uma noção, a exposição de motivos da Lei do Feminicídio, tem como uma das razões fundamentais para a aprovação da Lei, uma estatística. E essa estatística é de 2010, em que 42% de todo homicídio cometido no País foi cometido contra mulheres por seus maridos. E pasmem, pasmem, o Brasil é o 5º no ranking mundial em violência contra as suas mulheres. É assim que nós estamos. Eu achei isso muito expressivo, precisava lhes dizer. Mas nós vamos ficar por aqui em termos de violência, e queremos louvar a iniciativa da Arquidiocese de Porto Velho, que eu sei que isso foi um acordo, uma proposta que vieram aqui com o nosso Deputado Adelino Follador e também louvar a disposição do nosso Deputado de propor esta Audiência Pública. E nós ficamos muito felizes porque devemos esta Audiência maciça aos nossos professores aqui presentes. É uma circunstância, mas é verdadeira e é altamente válida, porque eles vão multiplicar esse conhecimento e essas informações que nós estamos recebendo aqui. Mas, parabéns ao Dom Roque que abraçou esta causa. Nós queremos trazer a fraternidade, o tema é Fraternidade e Superação da Violência, como superar a violência. A igreja está propondo, a Assembleia está de mãos dadas conosco, mas esse, como algum já disse ali na tribuna, não é um problema só da igreja ou das instituições públicas, é um problema de todo segmento

social, é um problema de cada um de nós. É meu, é seu, é dele, é de todos. Quando matam ou machucam alguém, estão machucando a nós. Estão machucando a nós também, porque amanhã eu ou você poderemos ser vítimas também dessa violência.

Mas meu povo, nós não podemos ficar só no reconhecimento. As Audiências Públicas elas têm uma capacidade de, de repente orientar e até catar o pensamento da sociedade em relação ao que está se propondo, mas na maioria das vezes como no caso em tela nós estamos trazendo, nós não trouxemos, felizmente, porque os senhores iriam ficar assombrados, porque a violência no País é só pesquisar na internet, por ano ela mata mais do que a bomba de Hiroshima e Nagasaki. E nós não podemos ficar, nós tomamos conhecimento de tudo isso, todos nós aqui estamos extremamente sensibilizados, não só com a questão dos professores, mas, com a questão da violência de graça o nosso País; com a violência de que nós somos vítimas, todos, a todo instante e a toda hora. Então, quando nós sairmos daqui é isso que eu não queria sabe Carlos, sair daqui nós vamos para casa assumir as nossas obrigações pessoais e amanhã nós estamos na frente da TV olhando novos índices de violência sem que tenhamos proposto absolutamente nada. É muito difícil que qualquer coisa que se faça, hoje, para deter a violência, melhorar a educação no nosso País, melhorar esse quadro crítico que nós estamos vivendo de crise moral nos Poderes vai demorar algum tempo, mas nós temos que ter fé e paciência e rezar e fazer cada um a sua parte, porque se cada um fizer a sua parte o encargo vai ser menos pesado e nós não podemos contar exclusivamente com a ajuda e com as ações dos Poderes Públicos. Nós temos que fazer a nossa parte como sociedade civil organizada. Assim, nós vamos poder fazer alguma coisa. Como a Cultura da Paz, ou como a superação da violência, como nós podemos fazer, como nós podemos executar, trabalhar,

fazer algo para superar a violência, como? Nós nos questionamos. Será que eu sei? Será que é isso que nós vamos propor? Mas eu quero dizer que cada gota no oceano é uma gota. Há um provérbio Chinês que diz assim: "uma caminhada de milhas começa com o primeiro passo". Isso que nós estamos fazendo aqui reunidos, solidários conosco mesmo com a nossa sociedade a respeito da violência buscando uma cultura de paz já é um primeiro passo. Mas não pode ficar só no nosso sentimento de solidariedade, nós precisamos de algo concreto. Concreto, alguma coisa pautável que exista dentro da sociedade civil e que nós possamos dizer: poxa, eu tenho alguma coisa em mãos. E isso é ter a partir daí que sai a nossa proposta. Propor com toda a nossa humildade a Instituição de um Fórum Permanente pela Cultura da Paz. Assim, nós vamos poder enfrentar, nós como Instituição, com esta Entidade, com este Fórum, mas tem que ser um Fórum sério, não pode ser um Fórum montado só com a nossa igreja. Se nós pudéssemos agregar todos, que amam a Deus, todas as igrejas, esse é um pensamento meu que é só meu pensamento, eu não estou expondo o pensamento de ninguém, mas, um Conselho Ecumênico formado por muitas igrejas seria maravilhoso. Uma Entidade, um Fórum Permanente pela Paz onde nós pudéssemos dizer: olha, aqui é a nossa sede, nós estamos aqui, estamos recebendo insumos, sempre, sempre, essa pesquisa que a nossa Francléia falou é importantíssima pesquisa, quem sabe, que a partir da pesquisa se tenha noção da realidade, que a maioria dos nossos amigos e de nós mesmos que moramos aqui no centro não conhecemos a realidade suburbana, dificilmente nós vamos por lá. Nós temos bolsões de miséria em nossa Porto Velho, pessoas que não tem o que comer e precisamos olhar isso, a violência está lá também, isso é uma violência. Então, a proposta é propor a Instituição, a Criação de um Fórum Permanente pela Paz e a partir daí nós vamos estar, vamos dizer assim, mais perto

dos desafios. Mas, em contato com o quem de direito e podemos ter também, aí como sociedade organizada, podemos está mais próximo e merecer atenção especial das autoridades que podem ajudar os grupos de risco, que naturalmente o Fórum vai abraçar e é esta meus senhores a nossa proposta que é um segundo passo; depois desta Audiência que nós esperamos com todo o coração que seja aprovada para que nós possamos todos, unidos começarmos a trabalhar.

O SR. ADELINO FOLLADOR (Presidente) - Quero parabenizar as palavras da Dra. Zelite Carneiro, dizer que para nós é, com certeza a senhora falou a necessidade da sociedade se integrar. Porto Velho têm Conselho de Segurança; Ariquemes têm Conselho de Segurança, o grande problema é que esses Conselhos são paritários, aí a sociedade acaba participando; mas, não discute, não, as pessoas têm que ser paritárias, mas eu acho que tem que abrir isso para que a sociedade saiba o que está sendo discutido e essa integração é muito importante.

A SRA. WAGNER VIEIRA (Mestre de Cerimônias) - Convidamos a todos para cantarmos juntos o Hino pela Paz.

(Execução do Hino Pela Paz)

O SR. ADELINO FOLLADOR (Presidente) - Eu quero agradecer cada um que veio aqui hoje, dizer que a Campanha da Fraternidade é um tema da superação da violência, é um tema somos todos irmãos; o Padre Luiz Fernando, o Secretário Executivo da Campanha da Fraternidade - CNBB, explica que a

proposta desse ano; enfatizar a superação da violência, mapeado ontem aconteceu esse tipo de situação, muitas são as ações que lutam pela paz, mas o movimento é pequeno para que elas ganhem atenção ao tema. O movimento escolheu o tema por parte dos Bispos foi o aumento no índice de violência do Brasil, a taxa de homicídio no país é mais alta que os países como a Síria, uma Nação que está em guerra. Em 1983 a Campanha da Fraternidade abordou a mesma temática e se constatou que no Brasil, havia uma carência de mapear as zonas de maior índice de violência. O grande fruto neste ano foi à criação de instrumentos que garantissem um panorama de violência. O texto base faz uma reflexão a partir das perspectivas, violências diretas e a violência cultural, a primeira é a definida como aquela que é mais evidente, como homicídios, assaltos, agressões. Numa segunda linha, o texto base vai falar de uma violência cultural, como a intolerância religiosa, preconceito racial, que são pequenas intolerâncias que vão sendo cometidas no nosso dia a dia, vão se inserindo na nossa cultura sem que percebamos. O Padre denuncia que a sociedade vai se acostumando, e essa circunstância de violência vai se tornando omissa. Não fizemos uma mobilização para cobrar as políticas públicas. O cartaz da CNBB traz juntamente com essa cena, mostrando que juntos podemos superar a violência. E hoje através das pessoas que fizeram parte, que falaram, que fizeram parte desta Mesa, também as pessoas, nós percebemos que muita gente, quando fala em violência, se lembra de Polícia, lembra dos Poderes do Estado, Governo Federal, e às vezes a gente está, como a Doutora falou, como a psicóloga falou, às vezes a gente está cometendo violência a todo momento. Então nós temos que meditar isso, que a mudança tem que começar dentro de nossa família, dentro da nossa comunidade, dentro da nossa sociedade, dentro da nossa igreja, qualquer lugar que nós estivermos tem políticas, mas tem que ter a política e nós

temos que descobrir o que nós estamos, como a Doutora falou, qual a violência que nós cometemos hoje, ontem, este mês, na nossa família, na nossa sociedade. Então, eu acho que é uma meditação muito importante, e eu quero propor aqui, e esse é um dos objetivos desta Audiência proposta pela CNBB, e eu quero aqui enfatizar ao Dom Roque, sua humildade, a sua dedicação, e foi discutido, e a Doutora Zelite propôs aqui criação desse Fórum junto com a Arquidiocese de Porto Velho, e nós precisamos que a gente conclua com uma votação aqui para constituir esse Fórum. Eu gostaria, como vai ser, da maneira que vai ser depois vai ter que ser discutido. Nós precisamos aprovar hoje aqui, que saia daqui uma semente que depois a gente consiga, não é, irmã Lina? Agradecer a sua presença também, agradecer os trabalhos que vocês fazem aqui no Estado de Rondônia, para nós é um privilégio, a senhora abriu mão da sua fala, mas para nós é um prazer ter a sua presença aqui na Mesa, e dizer que... Então eu gostaria de colocar aqui em votação agora nesse momento, a senhora quer falar alguma coisa antes ou não? Então, se vocês concordam então para criar esse fórum permanente. Eu gostaria que também o Conselho de Segurança de Porto Velho, as pessoas envolvidas em segurança também, depois se integrem nisso, porque o poder público é importante que venha também participar. Aliás, o poder público é que tinha que buscar esse apoio, porque a sociedade quando se propõe a colaborar, fica muito mais fácil de chegar no cidadão e ter sucesso, e as propostas também tem que sair da sociedade, como diz o Professor Márcio, como foi discutido lá em Ariquemes, nós temos que trazer propostas e o poder público tem que fazer a parte dele e nós temos que fazer a nossa parte. Então eu gostaria que todos que concordarem com essa criação desse fórum permanente da pasta, dê uma salva de palmas então para o nosso evento hoje. E eu, além de agradecer a todas as pessoas que estão aqui na Mesa, todas as pessoas que vieram

aqui, eu quero mais uma vez dizer aos professores, que foi um prazer tê-los aqui conosco, sabemos que qualquer profissional para ser bom profissional tem que passar pelo professor. Então, nós aqui temos a maior satisfação, eu sei que o Sintero está correndo atrás, tem as negociações e nós estamos colaborando com isso, vamos estar juntos, eu repito aqui, dos vinte e quatro Deputados, dezessete Deputados assinaram para poder fechar a pauta. Tem hoje muitos Projetos nesta Casa, que o Governo tem o interesse que seja aprovado, inclusive têm Projetos inclusive de outros servidores também, que nós temos que votar. E nós esperamos então, que venha também essa proposta do SINTERO para que a gente até amanhã consiga analisar e aprovar. A maioria dos Deputados, eu tenho certeza que a gente consegue aqui os quatorze votos para aprovar se for preciso, que a maioria dos Deputados estão sabendo que o prazo é amanhã e nós queremos concluir essa votação. Então agradecer a cada um. Dom Roque eu gostaria que o senhor como motivador para que acontecesse esta Audiência Pública desse uma palavrinha para encerrar. A reunião aqui, a Audiência Pública foi muito proveitosa, hoje a meta era buscar o que nós poderíamos colaborar para que tivesse uma sociedade melhor, criar esse fórum e lá nesse fórum as propostas vão ser discutidas depois.

O SR. DOM ROQUE - Agradecemos a todos e 'Senhor fazei de mim um instrumento de Vossa paz'.

O SR. ADELINO FOLLADOR (Presidente) - Está encerrada esta Audiência Pública.

(Encerra-se esta Audiência Pública às 11 horas e 23 minutos).

(Sem revisão dos oradores)